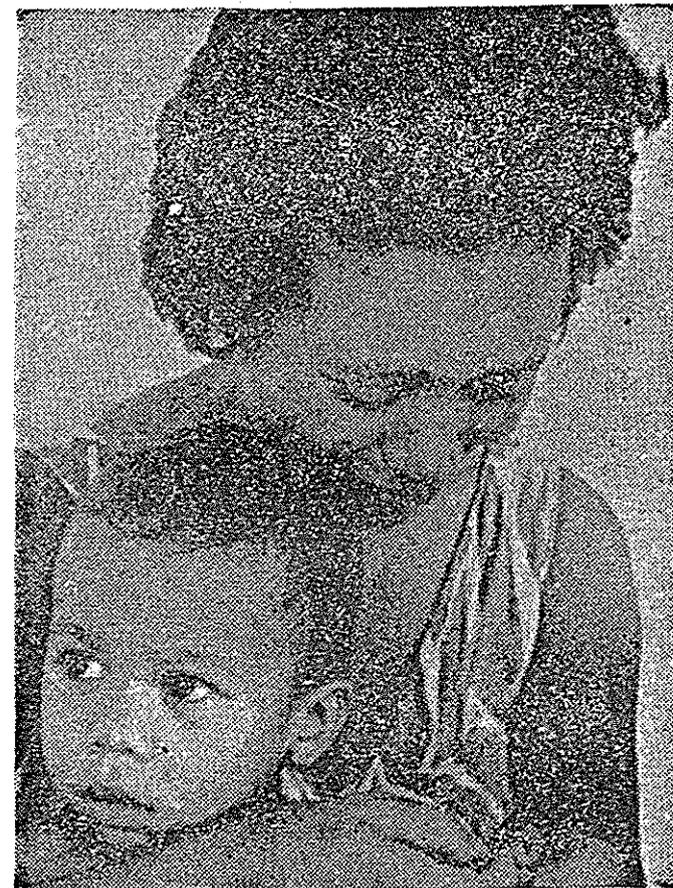
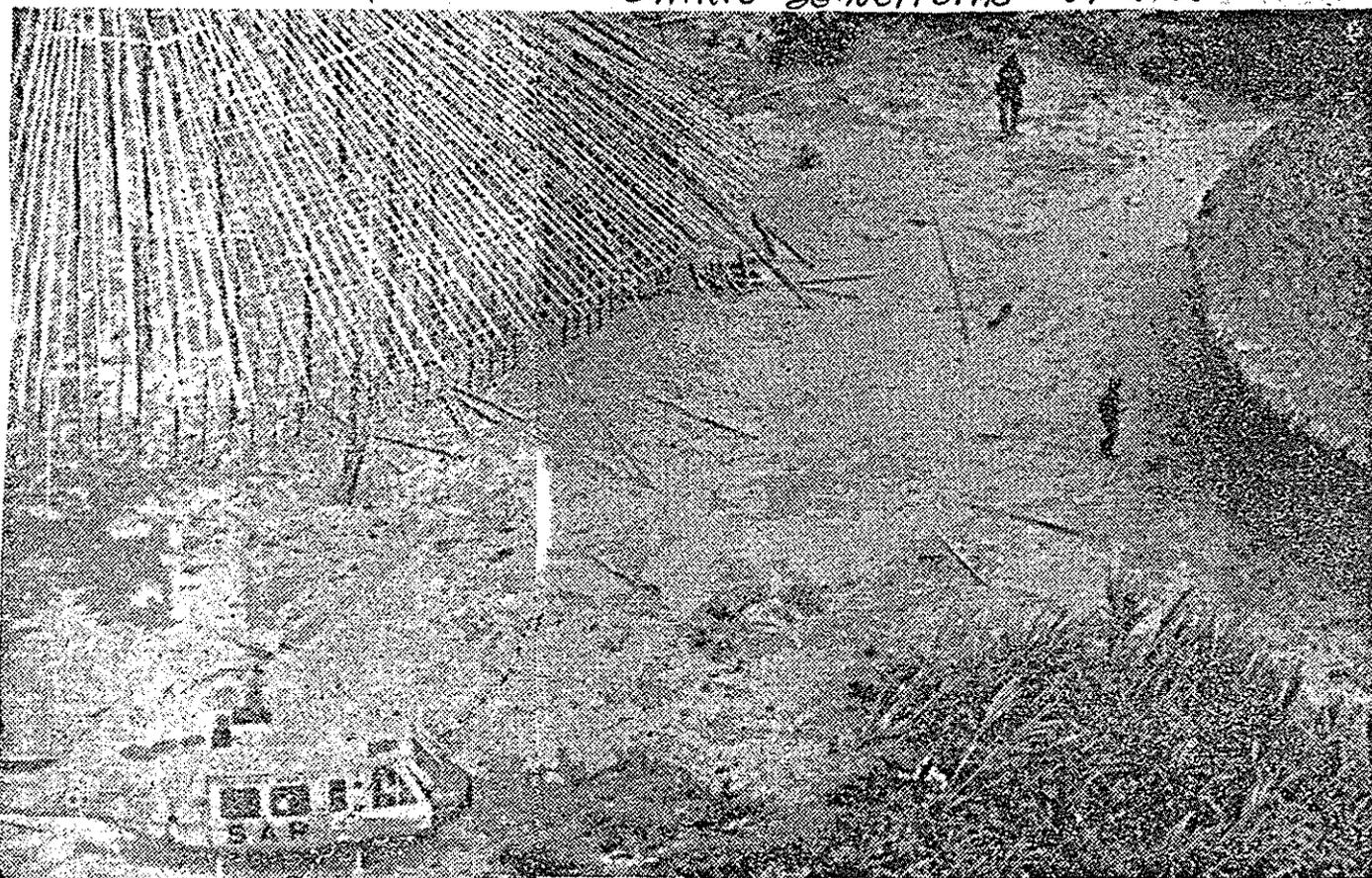


O fim da expedição do pe. Calleri foi aqui,  
nesta aldeia a FAB achou os corpos mutilados

DIÁRIO DE NOTÍCIAS - 04.12.68

Maria Nazaré, viúva de Manoel,  
chora o massacre do marido



## FUNAI TAMBÉM TEM CULPA NESSE MASSACRE

MANAUS, 3 (Meridional) — A responsabilidade pelo fracasso da expedição Calleri não deve ser atribuída apenas ao padre italiano da Prelazia de Roraima dizem os sertanistas. Ao DNER e à Fundação Nacional do Índio cabem boa parcela de culpa, pois concordaram em lhe dar plenos poderes para o trabalho, retirando qualquer apoio de fora à missão.

Os sertanistas e as autoridades responsáveis pelas operações de resgate concordam que ao padre faltou tato para lidar com os indígenas, usando de uma autoridade excessiva, a Funai pecou pela omissão, entregando-lhe todos os poderes, e o DNER errou ao permitir a paralisação das obras de construção da BR-174, cujos trabalhadores, em último caso poderiam dar cobertura e refúgio aos expedicionários.

Conhecido como homem de grande capacidade para liderar, intransigente nas posições que defendia e de muita coragem, o padre João Calleri, segundo a opinião dos sertanistas e conhecedores dos costumes indígenas da região, cometeu um erro fatal na tática que estabeleceu para os primeiros contatos com os indígenas, agindo com muita dureza, e só oferecendo presentes em troca do trabalho dos atroaris.

Acostumados a uma relação diferente com os brancos, dos quais sempre receberam presentes em troca de nenhum esforço, os índios estranharam o novo comportamento e acabaram por reagir de forma violenta, massacrando os expedicionários.

A excessiva autoridade do padre, que chegou algumas vezes a ameaçar os indígenas em função de fatos considerados de pequena importância, como no episódio em que ameaçou com uma arma de fogo um dos índios porque mexera num prato, contribuiu sensivelmente para agravar as relações, segundo os sertanistas.

A última mensagem do padre, revelada em sua integral, mostra nitidamente este comportamento:

— Acabamos de fazer juntamente com os índios, a segunda e última viagem e o transporte do material, do acampamento do Abonari terceiro. O nosso sistema, nesta expedição preliminar, é o seguinte: mostramos inicialmente que somos trabalhadores e não aventureiros, depois fazemos o índio participar de nossa atividade para que a

aprecie e não a destrua, e, por fim, usamos com eles o critério da justa recompensa e não o da doação.

— Nos primeiros — continua o padre — estamos alcançando bom sucesso. No terceiro item a luta é duríssima: se não voarem as flechas, devemos ao Deus Pai e ao nosso extremo de vigilância e reflexão. Quase continuamente um homem dentre nós é destacado para o trabalho exclusivo de estudo e planejamento.

— O motivo da enorme dificuldade neste ponto é o seguinte: eles rondam na área do rio A'umã. As poucas vezes que o seringalista branco, absolutamente impreparado, contactou com eles, por medo deu tudo o que era pedido. O índio que nasceu com medo do branco a esta altura mudou de opinião. Tornou-se prepotente, e no fim, acabadas as mercadorias, tirou-lhe a vida.

Resultado: há 20 anos de história, 40 brancos e 150 silvícolas, do grupo com o qual estamos, foram vítimas de massacres horrendos. Hoje, com a nossa chegada, eles pensaram encontrar os mesmos seringalistas. Estão usando técnicas finíssimas para se mostrarem furiosos e ameaçadores.

— Ontem à noite — diz ainda o padre Calleri em sua última mensagem, no dia 31 de outubro — fomos obrigados a estudar um meio para comprar com objetos todos os arcos do grupo que nos acompanha para podermos viajar mais sossegados.

— Com extrema facilidade passam do sorriso aos gestos mais violentos para nos perturbar. Até que isto seja artifício, continuaremos firmes no nosso princípio: disciplina com a justa recompensa. Hoje de madrugada, um dos nossos melhores deixou a expedição. A realidade é muito difícil. Aqui a boa vontade, a união e serenidade de toda a equipe é maravilhosa. Saudações, Pe. Calleri.

De posse destas informações, transmitidas pelo próprio padre, os sertanistas concluem que é fácil constatar que ele tentou impor um tratamento rígido aos índios, que a princípio ficaram desconfiados e acabaram reagindo de forma violenta, trucidando todos os expedicionários.

A mensagem do padre é também considerada importante porque reabilita em parte o único sobrevivente da expedição, o mateiro Paulo Alvaro da Silva, sobre quem pesaram sérias acusações durante o transcorrer das buscas. Fica definitivamente claro que o mateiro permaneceu

com a expedição até o dia 31 não fugindo no dia 28, como se informara anteriormente.

O mateiro deverá esclarecer ainda algumas contradições sem muita importância em seu depoimento, já que no fundamental ele o manteve nas diversas vezes em que foi reinquirido. Em Moura, base avançada das operações, o major Lessa, comandante dos homens do PARA-SAR, o ouviu diversas vezes, escutando sempre a mesma história. Parece também fora de dúvida que não lhe cabe qualquer culpa no massacre.

O sobrevivente terá que explicar apenas por que afirmou ter perdido todo o material que trouxera em sua fuga, quando em Itacoatiara, cidade onde ele chegou, foi localizado um saco com a sua espingarda e inúmeros outros objetos, inclusive calças, camisas e dez cortes de fazenda. Para os militares da FAB, ele trouxe este material para vender e ganhar alguma coisa.

O tenente Everaldo Ribas, coordenador-geral das operações, explica a sua fuga afirmando: "Ele conhece muito bem a selva e sabia dos perigos que estava correndo. Seu instinto de conservação falou mais alto, e ele procurou escapar o mais breve possível".

Em suas conclusões sobre o fim da expedição Calleri, os sertanistas afirmam que a Fundação Nacional do Índio, pela responsabilidade que tem no problema, não podia, em hipótese nenhuma, concordar com a exigência do padre em lhe deixar toda a responsabilidade sobre a preparação e métodos da expedição.

É pensamento dos militares sugerir uma investigação mais séria a respeito dos índios da região, já que alguns fatos estranhos foram apurados durante as buscas. Índios de pernas e peitos cabeludos foram vistos, e as notícias sobre a existência de um branco entre eles é repetida por muitas pessoas.

Quanto às buscas, o tenente Ribas informou que irá preparar um relatório para as autoridades superiores analisando todos os fatos e falhas, sugerindo algumas providências que poderão evitar novos massacres. Entre elas está a de que a qualquer atitude ameaçadora dos índios a expedição deve pedir que seja resgatada pelo rádio, o que se tivesse sido feito agora talvez desse para salvar os expedicionários. As providências foram tomadas muito tarde.